

Tumor de colo mata mais em área pobre

Nas Regiões Norte e Nordeste, onde há pouco conhecimento da importância do papanicolau, a mortalidade é até três vezes maior

Fabiana Cambricoli

Doença responsável pela morte de 14 brasileiras por dia, o câncer de colo do útero mata até três vezes mais em regiões pobres do País do que em locais com melhores indicadores socioeconômicos. Não por acaso, o índice de mulheres que se submetem ao papanicolau, exame capaz de prevenir a doença, é menor nas localidades com maior taxa de mortalidade.

O levantamento, feito pelo **Estado** com base em dados da Pesquisa Nacional de Saúde e do Instituto Nacional do Câncer (Inca), mostra que, na Região Norte, onde a cobertura do papanicolau é de 75,5%, foram registrados 12,24 óbitos para cada mil mulheres em 2013, último dado disponível. No Sudeste, onde 81,1% das moradoras fizeram o exame, o índice de óbitos cai para 3,85. Dono da pior taxa de cobertura do teste, 75,1%, o Nordeste teve o segundo maior índice de mortalidade: 6,3 óbitos por 100 mil mulheres.

A dificuldade de acesso ao sistema de saúde e a falta de conhecimento das pacientes nas regiões mais pobres são as principais razões para essa desigualdade, segundo a oncologista Rachel Cossetti, médica do Hospital Aldenora Bello, maior hospital do câncer do Maranhão. “Aqui, a cobertura do papanicolau é de menos de 30%. Muitas pacientes já chegam com sangramento intenso e dores, quando o câncer já está avançado, e relatam nunca ter feito o exame na vida”, conta a médica, que também é professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O Estado tem uma das maiores taxas de mortalidade pela doença no País: 12,12 óbitos por 100 mil mulheres.



Orientação. Leilane só soube que o papanicolau prevenia câncer quando uma prima morreu

Moradora de Barreirinhas, cidade maranhense a 250 quilômetros da capital do Estado, São Luís, Leilane da Silva Moraes nunca passou pelo exame ginecológico em seus 40 anos de vida. A pescadora só foi descobrir a importância do teste no final do ano passado, quando a prima, de 27 anos, morreu de câncer de colo do útero.

“Ninguém nunca tinha me dado orientação sobre isso, não.

Nem sabia que ele prevenia um câncer. Quando minha prima morreu, todas as mulheres da família foram correndo fazer, mas, para mim, já era tarde. Já estava sangrando muito, fui direto para o hospital”, conta ela, que foi diagnosticada com o tumor em estágio avançado e agora faz quimio e radioterapia para tentar frear a doença. “Deveria ter um mutirão de exames nos lugares mais pobres para es-

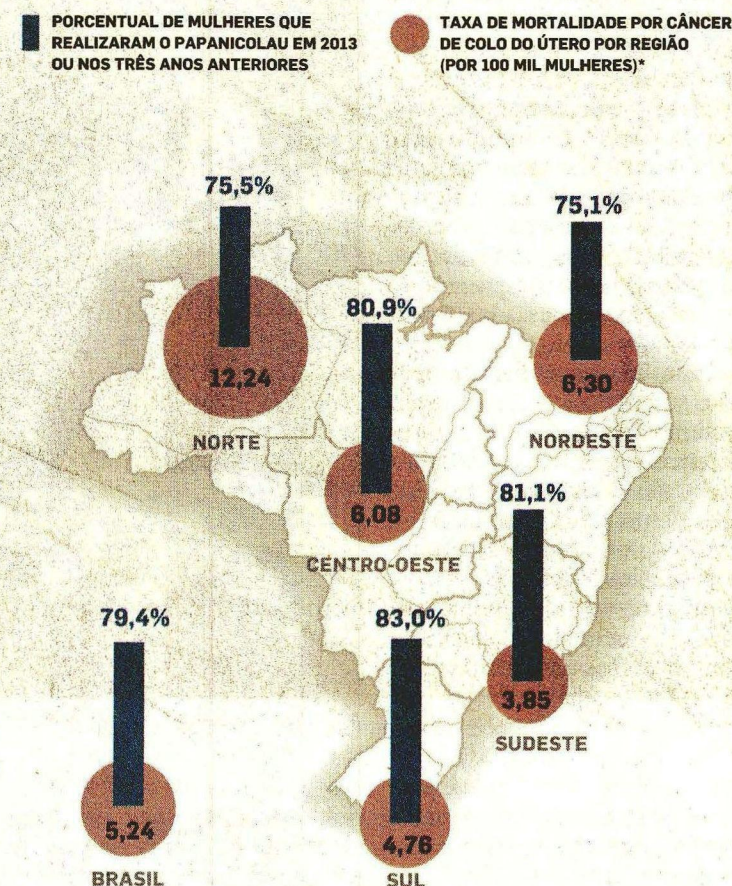
sas mulheres que não costumam ir a um hospital”, diz ela.

Informação. Ainda segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, entre as mulheres que não realizaram o exame ginecológico, 45% delas disseram não achar necessário, 20% nunca haviam sido orientadas e 9% declararam ter vergonha.

“Há uma dificuldade entre passar a informação e a popula-

DESIGUALDADE

● Regiões mais pobres do País têm maior mortalidade por tumor de colo do útero



*Ajustada por idade

FONTE: PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DE 2013/IBGE E INSTITUTO NACIONAL DO CâNCER (INCA)

ção assimilar a importância daquilo. Precisamos desenvolver uma política para levar a paciente quase que pela mão ao serviço, com o auxílio de alguém que seja mais próximo do cotidiano dela, como os agentes comunitários de saúde. É uma realidade vergonhosa vermos tantas mulheres morrendo de uma doença que pode facilmente ser prevenida”, diz Rachel, que defende a realização de uma cam-

panha nos moldes do Outubro Rosa para estimular a realização do papanicolau.

O Ministério da Saúde disse que, nos últimos três anos, repassou mais de R\$ 300 milhões a Estados e municípios para a realização do teste. O órgão afirmou ainda que, em setembro, habilitou 263 novos laboratórios para a realização da análise do material colhido nos exames ginecológicos.